

# Estimular a criminalização da violência contra a mulher

Notícias, Mulher, 07.10.2016, 02, 29.859

**INFLUENCIAR a criação de leis que criminalizam a violência contra a mulher assim como despertar nesta camada social a necessidade de lutar pelos seus direitos constituem alguns ganhos alcançados pelas moçambicanas desde que se juntaram à Marcha Mundial das Mulheres.**



Elas querem ver os seus direitos respeitados

Esta é a percepção de Laura Maposse, presidente da Mesa da Assembleia-Geral do Fórum Mulher, quando convidada pelo "Notícias" a fazer o balanço da participação de Moçambique no movimento mundial de acções-feministas em prol da eliminação das causas que geram pobreza e discriminação que apoquentam as mulheres.

Ela explicou que o movimento iniciou em 1998, quando as mulheres do mundo inteiro se uniram para denunciar o impacto das políticas neoliberais impostas,

que contribuíam para a violência baseada no género.

Contudo, segundo avançou, Moçambique passou a fazer parte deste movimento em 2000, ano em que se realizou a primeira grande acção internacional, com o lema "2000 Razões para Marcharmos contra a Pobreza e a Violência".

Ao longo destes anos, avança a nossa interlocutora, o nosso país ganhou o reconhecimento internacional através de acções do Fórum Mulher, tendo sido destacado a assumir, em 2014, o Secretariado

Internacional da Marcha Mundial das Mulheres (MMM) por um mandato de seis anos.

Fez saber que estas marchas trouxeram ganhos não só às moçambicanas como também para as mulheres de outros quadrantes do mundo no despertar da consciência da sociedade e dos decisores políticos de que a mulher, para além de ter deveres, é um ser humano com direitos que devem ser respeitados.

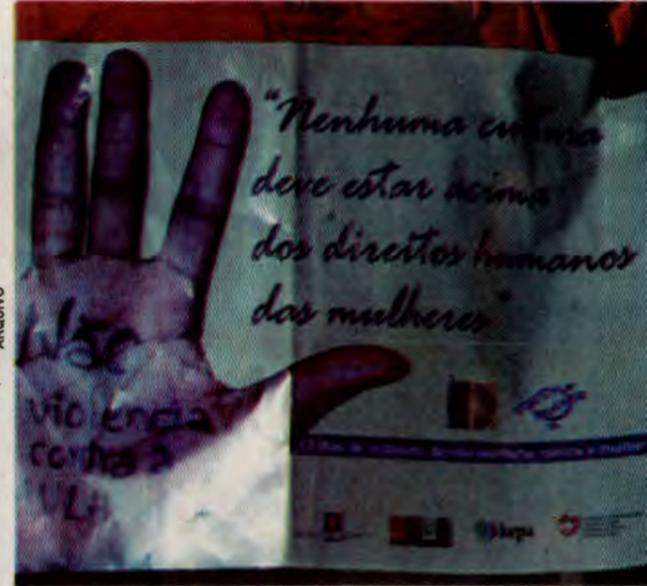
A par disso, várias outras acções foram desenvolvidas, entre as quais a aprovação de leis que

defendem os direitos desta camada social, tal como a Lei sobre Violência contra a Mulher e Criança.

"Aumentou a consciência. Apreendemos a fazer marcha para reivindicar direitos e a articular como movimento", sublinhou Laura Maposse.

Contudo, a fonte entende que há que fortalecer a capacidade de luta desta organização, como sujeito político, para se garantir que mais mulheres usufruam dos seus direitos na plenitude.

"A nossa luta é sistémica. É uma luta contra o patriarcal e capitalis-



Mulheres dizem não à violência

ta. Fortalecer as mulheres de base, uma vez que a MMM procura trabalhar e fortalecer as mulheres ru-

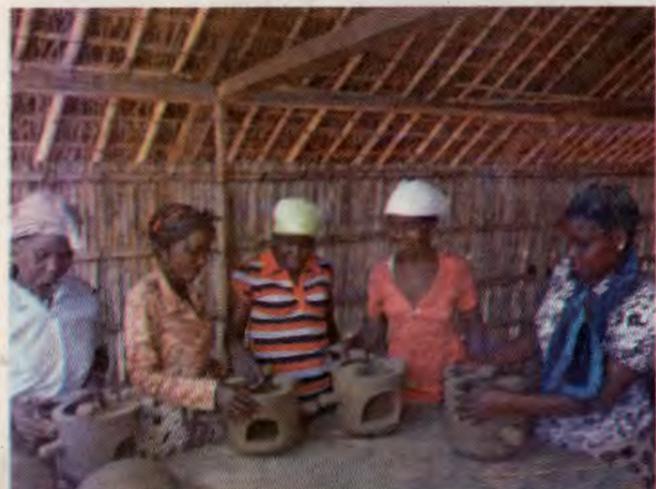
rais, que trabalham o artesanato, pescas, entre outras actividades marginalizadas", sublinhou.

## Usadas como escravas sexuais

O FÓRUM Mulher convida as mulheres a se engajarem como movimento e sociedade civil para reivindicarem os seus direitos e a exigir o direito de viver num mundo sem violência. Somos chamadas a ocupar nossos espaços

para todos. "Somos chamadas a apelar e a mediar pela paz em momentos de conflitos e a exigir o direito de viver num mundo sem violência. Somos chamadas a ocupar nossos espaços

como cidadãs de iguais direitos que os homens com direitos à herança, à terra, ao trabalho e à participação política sem sermos questionadas ou impedidas pelas leis costumeiras", referiu. É que, segundo esta



Há que potenciar o conhecimento delas para desenvolver o continente

## Empoderamento para alavancar África

PARA o Fórum Mulher, eliminar as desigualdades de género, através do empoderamento das mulheres, pode resultar no aumento do potencial produtivo de cerca de um bilião de africanos e alavancar o potencial de desenvolvimento do continente. "É reconhecido por todo mundo que investir na educação das mulheres gera um efeito multiplicador, que possibilita a estas tornarem-se líderes na

garantia do bem-estar das suas famílias e comunidades", explicou. É querendo ver a mulher a desenvolver o seu potencial que este movimento defende a visão de que as mulheres são sujeitos activos na luta pela transformação de suas vidas e que ela está vinculada à necessidade de superar o sistema capitalista patriarcal, racista, homofóbico e destruidor do meio ambiente.

## Movimento "chega" a Maputo

MOÇAMBIQUE acolhe pela primeira vez o encontro internacional da Marcha Mundial das Mulheres (MMM), que vai decorrer próxima semana, em Maputo, sob o lema "Mulheres em Resistência: Construindo Alternativas por um Mundo Melhor".

Pretende-se com o evento, no qual participarão mulheres que representam os cinco continentes e provenientes de diversas regiões e de diferentes status sociais, analisar os contextos social, político e económico e partilhar experiências de resistências e de enfrentamento do sistema capitalista patriarcal, que tem influenciado de forma negativa na vida das mulheres.

"Pretendemos neste encontro criar espaço para efectuar a partilha das acções realizadas pelos diferentes continentes e países de forma a compreender o resultado e impacto das nossas mobilizações e intervenções como colectivo que somos", refere o Fórum Mulher, organizador do evento.

O décimo encontro será marcado também por momentos de celebração das vitórias alcançadas e de construção de uma agenda comum rumo à V Acção Internacional da MMM, a realizar-se em 2020.

Durante o evento, de cinco dias, vários temas serão debatidos, entre os quais "O Militarismo e Fundamentalismo Religioso em África

e no Mundo", "Violência contra as Mulheres e Raparigas: Privado, Público e Comunitário"; assim como "A Autonomia de Decisão sobre Corpo e Sexualidade".

Espera-se que deste fórum público de debates as mulheres possam consolidar a agenda colectiva, fortalecer a voz como movimento e desenhar directrizes para as acções de defesa e promoção dos direitos humanos das mulheres em Moçambique, na região e no mundo.

Estas acções a realizar serão reflectidas na declaração final do encontro internacional a ser entregue aos líderes moçambicanos e tomadores de decisão no último dia do evento.

Com efeito, será feita a compilação de todas as apresentações, histórias, experiências, saberes partilhados no encontro, para que se tenha registo das lutas e conquistas alcançadas.

"A marcha visa construir uma perspectiva feminista afirmando o direito à autodeterminação das mulheres e à igualdade como base da nova sociedade que lutamos para construir. As mulheres propuseram ir além do possível e ousaram seguir actuando juntas para construir a MMM como um movimento permanente, uma consequência das novas forças e sinergias mobilizadas em cada local", destaca.

organização, durante décadas este movimento tem vindo a trabalhar em prol do respeito dos direitos das mulheres, contudo, apesar dessas lutas, as mulheres e raparigas ainda são forçadas a casar ainda crianças e traficadas para o trabalho forçado ou escravas sexuais.

Algumas estão presas em conflitos, onde a violação sexual é perpetrada como uma arma de guerra. Para além disso, avança, grande parte das mulheres, sobretudo das zonas rurais, é-lhe recusada o acesso à educação e ao desenvolvimento das suas capacidades. "Por todo mundo as mortes relacionadas com a gravidez e parto são bastante elevadas e as mulheres são privadas de fazer suas escolhas ligadas à sua vida pessoal", reforçou. Para esta organização a violência contra as mulheres continua sendo uma grande barreira para a participação efectiva das mulheres na vida política, económica e social.